

A INTOLERÂNCIA TRIUNFA

As perseguições à liberdade do pensamento repetem-se na Europa e na América, como se estivessemos na Idade-Média.

Dois acontecimentos recentes, ocorridos um na Europa arqui-civilizada, outro na «livre» América, vêm confirmar que a intolerância tem ainda no mundo o mesmo predomínio de outrora.

Fizeram-se revoluções «libertadoras» dos povos, as repúblicas democráticas sucederam às torvas monarquias de direito divino, e entre rios de sangue foram proclamados os «Direitos do Homem». Foi tudo em vão! Ainda hoje a Igreja Católica se permite intervir na vida eterna dos Estados, em nome de Deus, tal como na Idade-Média; ainda hoje a ciência é condenada em tribunais, semelhantes aos da Inquisição, em nome da Bíblia.

Na Tcheco-Slováquia, estado de recente formação, dêsses que a última Guerra criou, existe como forma de governo a república, que todos dizem ser avançada. Talvez por isso mesmo, o governo tcheco-slovaco tem um plenipotenciário junto do Vaticano, mantendo a Cúria Romana um Nuncio Apostólico em Praga.

O herói nacional do país tcheco é êsse sombrio teólogo João Huss, precursor da Reforma, inimigo do Papado, e que, partidário da doutrina de Wicleff, foi excomungado por Alexandre V e depois queimado vivo, por condenação do Concílio de Constança, perante o qual foi convidado a defender-se, não o tendo podido

fazer, porém, por ter sido encarcerado e depois sentenciado pela Igreja, apesar do salvo-conduto que lhe dera o Imperador.

Usou a Igreja Católica para com êsse homem rígido, mas sincero, da felonía que tem

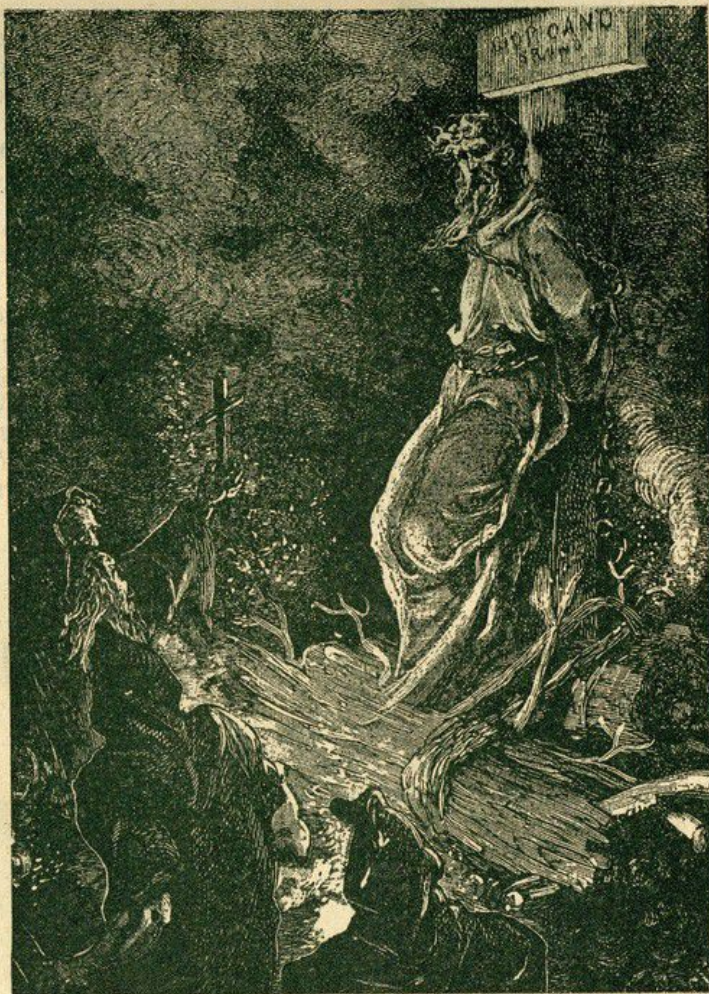
sido a característica dos seus processos de sempre e inscreveu Huss no martiriologia da sua intolerância.

João Huss é, porém, o herói nacional da Tcheco-Slováquia, mais pelo seu ardente nacionalismo e pelo cuidado que poz em dar forma definitiva ao idioma tcheco do que pelo martírio que sofreu. A república tcheco-slovaca quiz prestar há pouco homenagem a essa figura histórica, promovendo em sua memória comemorações nacionais e a Santa Sé proibiu-lho.

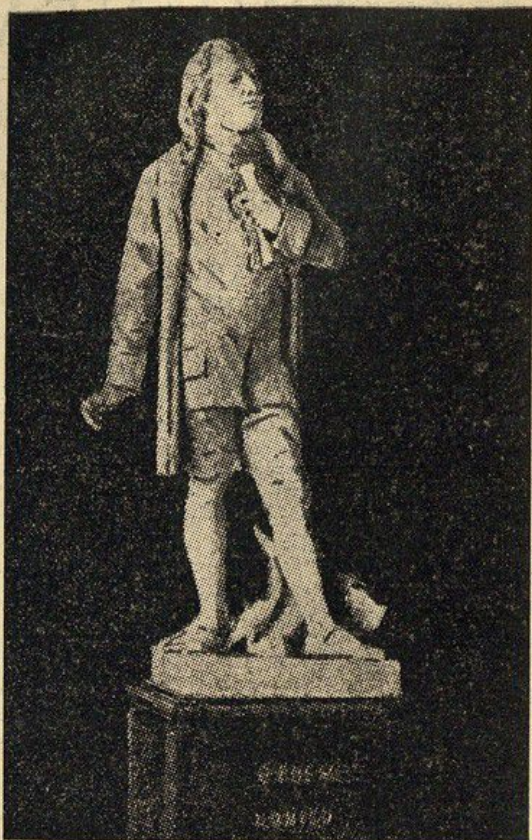
Decerto o governo acataria essa proibição, dada a subordinação em que se encontra perante o Papado, mas tinha já anunciado as comemorações e seria de saire grande impedi-las. Na véspera

do dia em que elas se deveriam realizar, o Nuncio Apostólico procurou o Ministro dos Negócios Estrangeiros e impoz-lhe que nem o Presidente da República nem o Governo se associassem às homenagens. O ministro timidamente objectou-lhe que isso seria impossível e, então, o representante do Papa declarou-lhe que se retiraria de Praga, em sinal de protesto, o que fez na manhã seguinte.

Eis o facto narrado, sem comentários, que



Giordano Bruno, submetido ao suplicio das chamas



António José da Silva, o Judeu, poeta e comediografo degolado e queimado pela Inquisição em Lisboa, a 18 de Outubro de 1759

seriam inúteis e que demonstra cabalmente que o espírito de intolerância da Igreja é o mesmo de há mil anos.

*
* *
*

O outro facto passou-se — dissemo-lo já — na «livre» América e revela ainda a intolerância religiosa agravada pela intolerância do Estado.

Em Dayton, pequena cidade do estado de Tennessee (E. U. da América), um professor, Mr. Scopes, ensinava aos seus alunos a hipótese científica da evolução das espécies, segundo as teorias de Darwin.

Logo o Estado, zeloso em manter o obscurantismo do povo, moveu um processo ao audacioso professor, processo que recentemente foi julgado no tribunal local.

Esse julgamento, que deu brado no mundo inteiro, é das coisas mais ridiculamente absurdas de que há memória. O advogado do professor Scopes, Mr. Darrow, que com outros homens de leis da América se ofereceu para defender o «criminoso», demonstrou que as teorias de Darwin nada tinham de subversivas e que, como hipóteses científicas, tinham de ser conhecidas e estudadas, mesmo para serem combatidas. O chefe do grupo de advogados de acusação era esse Bryan que acaba de falecer, antigo Secretario de Estado das Relações Exte-

riores do Governo Federal e por mais duma vez candidato falhado à presidência da República.

E que argumentos opunha esse jurisconsulto famoso, homem de Estado de vasta cultura? Simplesmente os extraídos da Bíblia, os primeiros capítulos do Genesis, que falam da criação! Durou dias esse incrível julgamento e para ser completa a farça da Justiça, os jornais e revistas divulgaram por meio da fotografia, diversos aspectos das sessões da audiência. Nêles se viam juizes, acusadores, advogados e público, em mangas de camisa, cachimbos entalados nos dentes, apreciando ou discutindo as origens do homem...

O professor Scopes acabou por ser condenado para desagravo da Bíblia e da Lei. Alguns sábios da França lavraram ingenuamente o seu protesto. Os outros homens de ciência do mundo ou encolheram os ombros, indiferentes, ou limitaram-se a rir do cómico das situações.

A reacção, porém, rejubilava. O juri ignorante do tribunal de Dayton tinha dado mais uma machadada no livre-exame.

*
* *
*

Esta intolerância, êstes atentados à liberdade do pensamento são os mesmos de sempre. Em todos os tempos a religião pretendeu o monopólio das consciências e oprimiu a consciência humana. O primeiro *Index* data do século V. Durante toda a Idade-Média os pergaminhos que continham as obras primas da literatura



Galileu, queimado pela Inquisição por afirmar que era a Terra que se movia em volta do Sol e não o Sol em volta da Terra.



Dr. Scopes, o professor condenado na América em julho de 1925 por defender as doutrinas darwinistas.

clássica foram raspadas, para os monges nêles escreverem antfonas. Antes mesmo de se descobrir a imprensa todos os manuscritos que apareciam sôbre assuntos religiosos ou profanos eram censurados pela Igreja e apesar disso os reis fanáticos, às ordens de Roma, de vez em quando mandavam-nos queimar.

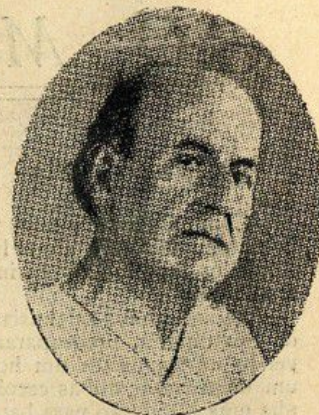
Com o advento da Imprensa, êsse formidável veículo de expansão do pensamento, as perseguições redobram. Francisco I, de França, por edicto de 13 de Fevereiro de 1535 ordena a extinção de todas as imprensas do reino e proíbe a impressão de qualquer espécie de livros. Carlos IX reedita essa proibição em 1563, cominando para os infractores o enforcamento, pena que alterna com a da fogueira. Em virtude dessa disposição legal foram executados em Paris: Santiago Pauvant, doutor da Sorbona; Luis Berguin, conselheiro do rei; Estevam Dolet, publicista; Godofredo Vallée, autor do livro *De la beatitude des chretiens*; Gil du Carroi e Claudio Morlet, livreiros. Os nomes destas vítimas da intolerância são dignos de figurar na história ao lado dos de Giordano Bruno, o filósofo famoso, que a Inquisição mandou queimar em Roma, por combater as doutrinas escolásticas e aristotélicas; de Galileu Galilei, o físico e matemático célebre, que demonstrou a veracidade do sistema de Coper-

nico e a quem a Inquisição encarcerou aos 70 anos, obrigando-o a retratar-se para evitar a fogueira; e ainda dos portugueses Cavaleiro de Oliveira, o cronista elegante, e António José da Silva, o Judeu, comediografo notavel, ambos perseguidos pela Inquisição, queimado em effigie um, queimado vivo o outro. E não eram só os que escreviam que eram cevo da intolerância da Igreja e do Estado. Os mesmos escritos eram

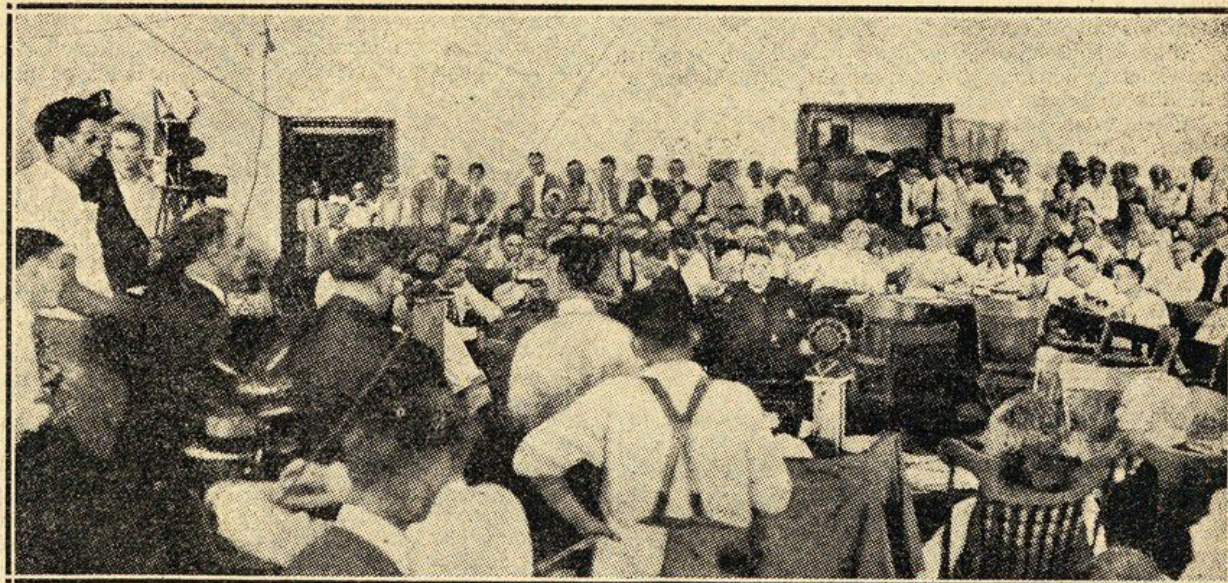
queimados na praça pública, para castigo e exemplo. Para não irmos mais longe lembramos que só no século XVIII, o século da Revolução, a *Enciclopédia* foi queimada em Paris em 1732; o *Emilie* em Paris e Genebra em 1762; A *História dos Jesuitas* de Linguet, em Paris, em 1768; *As cartas sôbre o estabelecimento dos europeus na India*, de Raynal, em 1781.

No famoso *Index* são inscritas as obras de Voltaire, Diderot, Racine, Corneille, Pascal, etc., muitas edições das quais os prelados zelosos mandaram lançar à fogueira. Os próprios escritores do mais extremado catolicismo são atingidos: Fleury, Fénelon, Laharpe. Depois da enciclica de 1852, poucas são as obras sciêntíficas ou literárias que escapam ao *Index*.

Os jornais, êsses têm a jugulá-los as mêsas censórias em que o Estado transforma a Polícia, como tem sucedido entre nós, por exemplo à «Batalha», sistematicamente censurada sem que esteja estabelecida a censura prévia e só por discordar da reacção político-capitalista que nos oprime.



Bryand, leader católico, acusador de Scopes, falecido bruscamente após o processo.



A audiência que em Dayton julgou e condenou o professor Scopes. Além dum aparelho cinematografico e de um microfone veem-se os advogados, as testemunhas e o público em mangas de camisa, e os jornalistas fazendo a reportagem em maquinas de escrever.